
CONTRIBUTOS PARA UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA AO LIVRO-ÁLBUM EM PORTUGAL: A RELAÇÃO ENTRE OS CLÁSSICOS INTERNACIONAIS E AS NOVIDADES NACIONAIS
Contributions to an historical approach to the album-book in Portugal: the relationship between international classics and national new releases

Ana Margarida Ramos¹

RESUMO: Se hoje em dia os livros-álbum portugueses contemporâneos são internacionalmente conhecidos, devido a prémios e distinções relevantes, estando disponíveis em diversos países e línguas, é provavelmente difícil acreditar que este formato não possui uma tradição sólida em Portugal anterior ao século XXI (Ramos, 2020a). A criação de livros-álbum por um único autor, muito comum e sistemática na Europa e na América do Norte desde pelo menos os anos 60 do século passado, é escassa em Portugal até ao final dos anos 90 e está associada a apenas alguns bons exemplos relacionados com o trabalho pioneiro de Manuela Bacelar, apesar de o seu trabalho ter sido praticamente ignorado pela crítica até recentemente (Rodrigues, 2019). No que diz respeito à tradução de autores internacionais, nenhum livro-álbum de Maurice Sendak, Tomi Ungerer, Bruno Munari ou Leo Lionni havia sido traduzido e editado em Portugal antes de 2006. As exceções foram alguns livros ilustrados de Iela Mari e Enzo Mari nos anos 80, e *A lagartinha muito comilona*, de Eric Carle, publicado em 1990. Mas nos últimos 10 anos, as novas editoras independentes e especializadas começaram a dar especial atenção à ilustração e ao design de livros, nomeadamente no que diz respeito à publicação de livros-álbum de criadores portugueses e estrangeiros, conduzindo a um aumento exponencial da tradução, tanto de obras clássicas como de *bestsellers* recentes. O interesse académico pelo livro-álbum em Portugal também é novo (Gomes, 2003; Ramos, 2004, 2010; Silva, 2006, 2011), mas tendo vindo a aumentar nos últimos anos. Neste estudo pretendemos caracterizar as especificidades do panorama português no que diz respeito à edição de livro-álbum, tendo em conta que, atualmente, coexistem no mercado os clássicos e as novidades e os leitores estão agora simultaneamente em contacto com publicações com 50 anos e outras muito recentes. Quase sem tradição anterior para seguir ou dialogar, os criadores portugueses contemporâneos parecem livres para explorar, experimentar e inovar neste domínio, desafiando infinitamente as possibilidades criativas do formato do livro-álbum.

PALAVRAS-CHAVE: Livro-álbum; clássicos internacionais e nacionais; literatura e mercado.

ABSTRACT: If nowadays some contemporary Portuguese picturebooks are internationally well-known, due to relevant awards and distinctions, being available in different countries and languages, it is probably hard to believe that the picturebook format has no solid tradition in Portugal prior to the 21st century (Ramos, 2020a). The creation of picturebooks by a single

¹ Professora da Universidade de Aveiro, Portugal. E-mail: anamargarida@ua.pt

author, very common in Europe and North America since the 1960s, is sparse in Portugal until the late 1990s and is associated with only a couple of good examples related with the pioneer work of Manuela Bacelar, for instance, even if her work has been ignored by the critics until recently (Rodrigues, 2019). Regarding the translation of international authors, no picturebook from Sendak, Ungerer, Munari or Lionni had been translated into Portuguese before 2006. The exceptions were a couple of picturebooks by Iela Mari and Enzo Mari in the 80s and *The very hunger caterpillar*, by Eric Carle, published in 1990. But in the last 10 years, new and specialised publishing houses started to pay special attention to illustration and book design, particularly regarding the publication of picturebooks of Portuguese and foreign creators, also leading the translation of classic works and recent bestsellers to increase exponentially. The academic interest in picturebooks in Portugal is also new (Gomes, 2003; Ramos, 2004, 2010; Silva, 2006, 2011), having been increasing in recent years. In this paper we aim at characterising the specificities of the Portuguese panorama regarding the publication of picturebooks, bearing in mind that both the old and the new ones coexist and that therefore the readers are now simultaneously in contact with publications with 50 years old as well as with some just recently published. With almost no prior tradition to follow or to dialogue with, the Portuguese creators are free to explore, experiment and innovate as they please, challenging the picturebook format possibilities endlessly.

KEYWORDS: Picturebook; international classics and national; literature and market.

INTRODUÇÃO: A GÊNESE DO LIVRO-ÁLBUM EM PORTUGAL: UMA HISTÓRIA DE AUSÊNCIAS

Na ausência de uma História Portuguesa do Livro-Álbum ou, mais genericamente, de Ilustração de Livros Infantis, a investigação sobre este tema assenta em poucos estudos dedicados a este formato que começaram no início do século XXI, na sequência do crescente interesse por parte das editoras e do público que se verificou sobretudo a partir da transição do milénio. Como já demos conta anteriormente (Ramos, 2020a), não existia uma tradição consolidada de publicação de livros-álbum em Portugal até ao final do século XX, o que ajuda a explicar a inexistência de estudos específicos dedicados a este tipo de publicação antes do século XXI.

O panorama português, em termos da publicação de livros-álbum, inclui uma experiência isolada no final dos anos 1960, por parte de Leonor Praça (*Tucha e Bicó*, 1969), e algumas outras contribuições de Maria Keil no final dos anos 1970 (*Os presentes*, 1979) e 1980 (*As três maçãs*, 1988) (fig.1).



Figura 1 – Capas dos volumes da autoria de Leonor Praça e Maria Keil

Outros criadores fizeram algumas tentativas de dar mais ênfase à ilustração em livros destinados a crianças muito pequenas, nomeadamente em algumas séries de pequenos livros (edição em brochura) publicadas na década de 1980 pela Plátano (coleção “Caracol”) e pela Livros Horizonte (coleção “Sete Estrelas”). Todos esses exemplos partilham o mesmo pequeno formato, a capa mole, o número limitado de cores e uma encadernação muito simples, com recurso a um agrafado. Com poucas exceções, texto e ilustrações tendem a surgir separados nas páginas dos livros, e o diálogo entre as duas linguagens ainda é incipiente. O investimento na dimensão material e peritextual destes livros infantis é baixo, ainda que a qualidade global dos textos e ilustrações seja significativa, devido à colaboração de escritores e artistas de renome. No entanto, uma análise exaustiva e abrangente desses e de outros livros semelhantes, incluindo seu impacto e circulação, ainda continua por fazer, pese embora alguns trabalhos relevantes, mesmo se pontuais, de Sara Reis da Silva (2017, 2018, 2021).

Assim, a publicação consistente de livros-álbum de autoria portuguesa só começou no final da década de 1980 e início da década de 1990, associada às criações de Manuela Bacelar. Esta ilustradora foi responsável pela publicação dos primeiros livros-álbum de alta qualidade em Portugal onde texto e imagem estabelecem uma relação sinérgica para contar uma história. Como autora única de vários livros ilustrados, também uma novidade no panorama português, foi, durante muito tempo, subvalorizada como criadora e os especialistas só muito pontualmente validaram² o seu pioneirismo, sendo recentes os estudos de fôlego³ sobre as

² A criadora foi distinguida com a primeira edição do Prémio Nacional de Ilustração em 1996,

suas criações (Rodrigues, 2019). Com edição no final dos anos 80 e inícios dos anos 90, merecem referência alguns dos títulos mais relevantes desta criadora, como é o caso de *Este é o Tobias* (1989), primeiro volume de uma coleção que viria a crescer nos anos seguintes, *O meu avô* (1990) e *O Dinossauro* (1990) (fig. 2), por exemplo.



Figura 2 – Capas de alguns dos álbuns mais relevantes de Manuela Bacelar

Ainda assim, destaque-se o estudo pioneiro de José António Gomes que, em 2003, foi o primeiro a definir, de forma consistente, este formato, num artigo onde sublinha o relevo da materialidade, identificando um conjunto de elementos transversais ao livro-álbum publicado em Portugal naquele momento: capa dura, papel de gramagem elevada, número limitado de páginas e pouco texto, muitas ilustrações e uso da quadricromia. Este investigador também identificou os principais desafios enfrentados pelas aproximações teórico-críticas aos livros-álbum, nomeadamente a exigência e complexidade da análise combinada do texto, ilustrações de design gráfico. Este artigo foi publicado num número especial da Revista *Malasartes: Cadernos de Literatura para a infância e a juventude*⁴ dedicado ao livro-álbum. Posteriormente, outros investigadores (Ramos,

depois de ter recebido, em 1989, a Maça de Ouro da Bienal de Ilustração de Bratislava. No entanto, estas distinções foram atribuídas às suas ilustrações para textos de outros autores e não aos seus livros-álbum.

³ Os investigadores portugueses, em geral, deram pouca importância ao estudo do livro-álbum até muito recentemente e a primeira tese de Doutoramento, realizada na área dos Estudos Literários, inteiramente dedicada a este formato foi apenas defendida em 2013, por Carina Rodrigues, tendo como objeto central a produção literária de autoria única de Manuela Bacelar.

⁴ Esta revista, cuja publicação se iniciou em 1999, foi editada em Portugal em duas séries diferentes e manteve-se ativa, com uma interrupção pelo meio, até 2011. Ao longo dos seus anos de atividade, esta revista foi sempre dando destaque ao livro-álbum, através da publicação de artigos e recensões de novidades editoriais, acompanhando diferentes aspetos da criação e leitura deste formato.

2004, 2007, 2009, 2011; Silva, 2006, 2011; Rodrigues, 2009; Sotto Mayor, 2009; Medeiros, 2009; Mourão, 2011) continuaram a desenvolver estudos sobre o livro-álbum, especialmente a partir da segunda década do século XXI (Saraiva, 2014; Santos, 2015; Rodrigues, 2017), acompanhando o interesse crescente do público e da crítica, incluindo internacional, pela edição portuguesa que se foi consolidando a partir desta altura. O Prémio Nacional de Ilustração, o mais relevante do panorama português, criado em 1996, só distinguiu pela primeira vez um livro-álbum em 2004. Desde então, foi atribuído a livros enquadráveis neste formato nos anos de 2009, 2010, 2014, 2015, 2017, 2018, 2019 e 2020, o que revela o interesse crescente pelo livro-álbum no contexto português.

A TRADUÇÃO DE LIVROS-ÁLBUM CLÁSSICOS

A tradução teve um papel importante na divulgação do livro-álbum no contexto português, mas também começou tardiamente e permaneceu limitada a alguns poucos exemplos até recentemente.

De acordo com o Catálogo da Biblioteca Nacional Portuguesa⁵, os primeiros livros-álbum internacionais publicados em Portugal surgiram no início dos anos 60, pela editora Bertrand, e constituem uma série de três livros ilustrados de pequeno formato intitulada “Álbuns Castor”, numa referência à editora original francesa. Os volumes são *Meu nome é Azão*, de Albertine Deletaille, *Os bons amigos* e *Uma história de ratinhos*, de Paul François e ilustrações de Gerda. Todos impressos em França e publicados em Portugal em 1962, destacam-se pela quantidade e qualidade das suas ilustrações coloridas, presentes em todas as páginas. Num estilo visual caracterizado por alguma inocência, estes livros ilustrados são dominados pela relevância dos animais, ainda que personificados, e por uma certa visão idílica da infância e das relações humanas (fig. 3).

⁵ Ainda que este catálogo esteja abrangido pelo depósito legal, que é obrigatório em Portugal, constituindo, por isso, um fonte relevante de informação, reconhece-se que o mesmo apresenta falhas e lacunas já detetadas, com várias obras publicadas que não foram enviadas para depósito, pelo que os dados apresentados podem não estar completos.

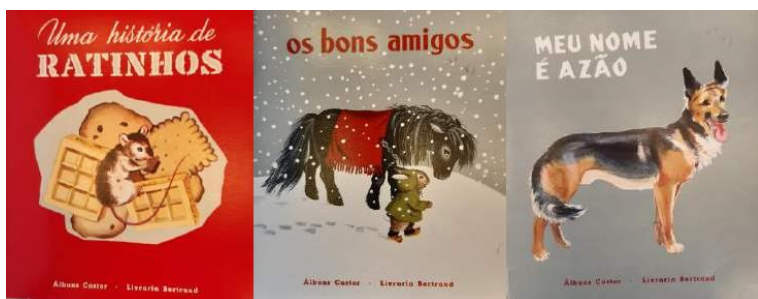


Figura 3 – Capas dos volumes da série “Álbuns Castor”

Nos anos 70, de forma isolada e em diferentes chancelas, surgiram outras edições de livros-álbum traduzidos, diversificando a oferta⁶ disponível no mercado português. É o caso, por exemplo, de *O pai natal*, de Raymond Briggs (Impala, 1973), uma edição em capa mole, próxima de um volume de banda-desenhada (fig. 4), e em 1973, a Sá da Costa publicou *O pássaro e o pintor*, de Max Velthuijs, uma edição de capa dura, dimensões consideráveis e papel e impressão de alta qualidade, com uma vasta e rica paleta de cores (fig.5). Este livro ilustrado, já analisado por Sara Reis da Silva (2010), destaca-se pela sua modernidade, podendo facilmente ser confundido com uma edição contemporânea.



Figura 4 - Capa do livro de Raymond Briggs (1973)

⁶ A chancela Arcádia publicou vários volumes da autoria de Pierre Probst, em 1975, com traduções de Maria Alberta Menéres, todas elas pertencendo à série Fanfan, que em Portugal adotou o nome de Martim.



Figura 5 - Capa do livro de Max Velthuis (1973)

No início dos anos 70, a editora Verbo⁷ iniciou a publicação de uma coleção de livros-álbum traduzidos da autoria de Dick Bruna. Esta série de enorme sucesso incluiu vários volumes e esteve ativa até 1985, com uma tiragem que variou entre os 10.000 e 20.000, para os primeiros volumes, segundo os dados disponíveis. Os volumes destacam-se pelo pequeno formato, pela sua qualidade material, incluindo capa dura e papel de alta resistência e impressão offset, permitindo a utilização de várias cores diferentes.

Ainda na década de 70, a série “Os livros cor de rosa despertar”, da editora Despertar⁸, incluiu traduções de livros franceses, da prestigiada editorial Hachette, como *Fifi o pequeno automóvel*, cujos autores não surgem identificados na publicação. Os outros volumes⁹ incluem pelo menos o autor das ilustrações, e Romain Simon ilustra dois volumes (*O músico Picotim*, 1970; *Plum*, 1970). A mesma editora iniciou uma nova coleção em 1973, intitulada “O meu primeiro livro despertar”, também com traduções francesas da Hachette, onde podemos encontrar títulos ilustrados por Pierre Probst (*Se eu fosse...*), François Batet (*Roberto e Lina*) e Romain Simon (*O gatinho pintor*), entre outros.

Estas duas coleções, contudo, não se destacam pela qualidade dos textos e ilustrações, dada a falta de originalidade e inovação e o reforço dos valores pedagógicos, sobretudo na segunda. Caracterizam-se pelo pequeno formato, capa dura e uso de ilustração em página dupla em alguns dos

⁷ Esta editora foi também responsável, desde a década de 60, pela tradução da série de livros construída em torno da personagem Martine, traduzida em Portugal como Anita, da autoria de Gilbert Delahaye e Marcel Marlier, além da edição de vários livros de Alain Grée, nomeadamente as coleções “As aventuras de Pimpão” e “As descobertas de Tó”.

⁸ A impressão dos livros é atribuída a Ambar, outra editora portuguesa relevante no que diz respeito à edição infantil.

⁹ O livro *A pequena caravela* (1970) foi ilustrado por F. Berthier e *As desgraças de Sofia* por François Batet.

volumes. O uso de ilustrações coloridas também é comum a todos os volumes, mesmo que a qualidade artística global dos volumes não seja particularmente elevada.

No final dos anos 70, a série “Sei Ler”, da Plátano, também publicou alguns autores e ilustradores franceses, entre eles Romain Simon, Gerda Muller¹⁰ e Marcelle Vêrité. Centrados no mundo animal, estes livros incluíam peritextos informativos para complementar a função pedagógica dos livros. De qualquer forma, todos os textos publicados nesta série ultrapassam as 40 páginas e dificilmente podem ser classificados como livros-álbum pela quantidade de texto que incluem.

Os livros-álbum clássicos dedicados a *Babar*, de Jean de Brunhoff e Laurent de Brunhoff também foram sendo publicados ao longo dos anos 70¹¹, pela Plátano, em dois formatos diferentes, um maior e outro menor, dando origem a duas coleções paralelas, cada uma delas designada exatamente a partir da dimensão dos livros (“Babar em ponto grande” e “Babar em ponto pequeno”) (fig. 6). Ambas as coleções incluem livros de capa dura e são publicadas em papel de alta qualidade e textos manuscritos, como os volumes originais.



Figura 6 - Exemplo de dois livros das duas coleções dedicadas a Babar

A tendência dominante na tradução de livros-álbum, esteve, como se observa pelos exemplos apresentados, muito centrada no contexto francês, especialmente nas décadas de 60 e 70. Esta opção resulta, possivelmente, da própria tradição cultural portuguesa, dominada pela influência francesa até ao

¹⁰ De origem holandesa, esta ilustradora mudou-se muito jovem para França, onde desenvolveu toda a sua atividade criativa.

¹¹ Alguns volumes já vieram a lume no início da década seguinte.

final da década de 80, explicando até o uso da palavra “álbum” para definir este formato em Portugal.

Só a partir dos anos 80 é visível uma estratégia editorial mais clara e diversificada, no que diz respeito à edição de livros-álbum, nomeadamente com a publicação de um conjunto de volumes da autoria de Iela Mari, *O balãozinho vermelho* (Sá da Costa, 1980) e *A árvore* (Sá da Costa, 1982). Também foi publicado o livro *A maçã e a lagarta* (Sá da Costa, 1982), de Iela Mari e Enzo Mari. Esta coleção, intitulada “Ver e ler”, incluiu também volumes marcantes como *Os animais não se devem vestir*, de Judi Barret e Ron Barret, publicado também em 1982. Já em 1981, a mesma editora traduziu o volume *O bebé*, de Fran Manushkin, com ilustrações de Ronald Himler.



Figura 7 - Capas dos livros publicados na coleção "Ver e Ler" (Sá da Costa)

Todos publicados em capa dura e papel de alta qualidade, estes livros ilustrados podem ser considerados como os primeiros exemplos de narrativas visuais ou iconotextos acessíveis a um público português. Dada a tradicional relevância do texto na literatura infantil portuguesa, a publicação de livros-álbum sem texto, com tradição residual no contexto português¹², deve ser sublinhada como exemplo de inovação¹³. Esta mesma chancela foi ainda responsável pela publicação de dois livros de Babette Cole, *Nungu e o elefante* (1980) e *Nungu e a senhora hipopótamo* (1980), que, apesar do texto mais abundante, se aproximam editorialmente do formato do livro-álbum, além de marcarem a estreia da criadora inglesa em Portugal. Em 1990, o clube do livro por subscrição Círculo de Leitores publicou a obra clássica de Eric Carle *The very Hungry Caterpillar*, com o título *A lagartinha comilona*, tendo este livro sido apenas republicado em 2010, agora intitulado *A*

¹² É curioso verificar que a Plátano edita o pequeno livro-álbum sem texto *Croáá* (1982), de Cristina Malaquias, exatamente nesta altura. Refira-se, ainda, na década de 80, a publicação de *O Azul* (1984), de Sofia Sottomayor. Ambos os volumes integram a coleção "Caracol", já mencionada anteriormente, a propósito do seu pioneirismo.

¹³ Outras editoras começaram, por esta altura, a dar mais atenção à ilustração de livros para crianças. Destaque-se, por exemplo, a publicação, também em 1981, do livro *O carrinho dos bombeiros* (*The bodley Head*, 1973), de Graham Green (com ilustrações de Edward Ardizzone), pela Livros Horizonte.

lagartinha muito comilona, altura em que a editora Kalandraka deu início à publicação de outras obras deste autor.

No início dos anos 90, a Caminho publicou uma série de livros ilustrados de pequeno formato de Antoon Krings e Grégoire Solotareff dedicados a leitores muito jovens. Estes livros cartonados, contendo apenas cinco páginas duplas, destacam-se pelas ilustrações coloridas e pelo texto versificado, explorando a relação entre a protagonista Kikô e diferentes animais, um cavalo, um cão, um gato e um esquilo. A ASA também foi responsável pela publicação de uma série de livros ilustrados no início dos anos 90, incluindo alguns trabalhos de Penny Dale (*Dez numa cama*, 1992; *Acorda Fidalgo!*, 1992) e de Martin Waddell e Penny Dale (*Dantes havia gigantes*, 1992). As ilustrações muito expressivas e sugestivas dos livros ilustrados dominaram as páginas, auxiliando no processo de leitura.

Já no final da década de 90, a Editorial Caminho inaugurou também uma coleção de livros-álbum particularmente marcante, “Livros do Arco-Íris”, responsável pela publicação de vários volumes de David Mckee, Max Velthuijs, entre outros. O catálogo desta editora incluiu, nos anos seguintes, até à saída de José Oliveira, o principal editor do segmento de livros infantis, uma forte presença de livros-álbum, permitindo a divulgação em Portugal de criadores clássicos como Quentin Blake, Raymond Briggs ou John Burningham e contemporâneos como Anthony Browne, Gilles Bachelet, Satoshi Kitamura ou Thé Tjong-Khing, só para citar alguns exemplos. A editorial Caminho também apoiou algumas publicações de criadores portugueses, nomeadamente livros ilustrados resultantes de parcerias entre escritores e ilustradores nacionais. As obras de Rita Taborda Duarte e Luís Henriques ou a de Ana Saldanha e Yara Kono, entre outros, exemplificam a atenção a um formato que pareceu não atrair os editores portugueses, sobretudo dos grandes grupos editoriais, até muito recentemente.

A “DESCOBERTA” DO LIVRO-ÁLBUM NO NOVO MILÉNIO

No início do século XXI, o interesse pela publicação de livros-álbum aumentou em Portugal, especialmente após a chegada da Kalandraka, responsável pela divulgação de muitos livros-álbum em Portugal de forma continuada. Fundada em 1998, na Galiza, em Espanha, esta casa editorial entrou no mercado português alguns anos depois, em 2002, e tornou-se, entretanto, uma chancela semiautónoma em relação à casa-mãe, designada por Kalandraka Portugal. Desde essa altura, o seu catálogo tornou-se cada vez mais rico e diversificado, com a tradução e publicação de vários livros-álbum clássicos, indisponíveis até esse momento. Volumes como *Pequeno azul e pequeno amarelo* (2006), de Leo Lionni, *Os três bandidos*, de

Tomi Ungerer (2007), *Onde vivem os monstros* (2009), de Maurice Sendak, só foram publicados décadas após a sua edição original. A Kalandraka foi ainda responsável por outras traduções importantes de livros ilustrados clássicos, como os de Eric Carle, Quentin Blake, Mercer Mayer, Pat Hutchins ou Judith Kerr, mas também contemporâneos, incluindo a obra de Anthony Browne ou Shaun Tan, por exemplo.

No que diz respeito à tradução de livros-álbum clássicos indisponíveis no contexto português, merece destaque o trabalho realizado por uma pequena editora independente, a Bruáa, que se estreia no mercado português com a publicação de *A árvore generosa*, de Shel Silverstein, em 2008, mas também incluiu no seu catálogo muito seletivo *Lágrimas de crocodilo* (2010)¹⁴, de André François, e *Na noite escura* (2011)¹⁵, de Bruno Munari. Estes clássicos dos anos 50 e 60 surgem nas estantes das livrarias portuguesas ao mesmo tempo que a Orfeu Negro, outra editora independente, cria uma coleção específica de livros infantis, Orfeu Mini, lançando *O livro inclinado* (2008), de Peter Newell, cuja primeira edição data de 1910. Inicia-se, assim, um projeto editorial distintivo e marcante, que obtém, em 2019, o Prémio BOP da Feira do Livro de Bolonha para a melhor editora europeia. O catálogo da Orfeu Mini, que foi crescendo ao longo dos anos, tem dado, contudo, mais destaque ao universo do livro-álbum contemporâneo, com destaque para a tradução de criadores de referência atuais, como é o caso Oliver Jeffers, Jon Klassen ou Chris Haughton, só para dar alguns exemplos. Ainda assim, esta chancela foi responsável pela descoberta de alguns nomes marcantes do panorama editorial português, como foi o caso de Catarina Sobral, uma das mais relevantes criadoras portuguesas de livro-álbum da nova geração, mas também das promissoras Madalena Moniz e Eduarda Lima.

Também com grande ênfase na tradução, a Gatafunho é mais um exemplo de uma pequena editora independente que deu especial atenção ao livro-álbum e à sua tradução. Desde 2005, esta chancela já publicou uma série de livros-álbum de vários criadores de relevo contemporâneos, incluindo Satoshi Kitamura, Guido van Genetchen, Suzy Lee ou Hervé Tullet, numa variedade de propostas e registos que enriquecem o panorama editorial nacional.

Assim, merece referência o surgimento de pequenos projetos editoriais, ainda que limitados no tempo, de forma a ilustrar o crescente interesse pela literatura infantil em geral e pelo livro-álbum em particular. Deste modo, a par dos grandes grupos editoriais, cujas chancelas foram

¹⁴ Relembre-se que a edição original deste volume é de 1956.

¹⁵ Igualmente datado de 1956 na sua edição original em italiano.

entretanto reforçando as suas coleções com a publicação de livros-álbum, pequenas editoras independentes, nem sempre bem sucedidas economicamente, também contribuíram, à sua escala, para a diversidade e enriquecimento da oferta editorial neste segmento. Com apenas alguns volumes publicados, projetos como “A cobra laranja”, “O bichinho de conto”, “Bags of books” ou “Gato na lua”, são responsáveis por edições muito relevantes de criadores de referência internacional como Jutta Bauer, Kazuaki Yamada, Wolf Erlbruch e Tomi Ungerer, entre outros.

A editora Planeta Tangerina distingue-se das anteriores pela relevância dada aos autores e ilustradores portugueses, cuja presença é largamente maioritária no seu catálogo. Fundada por um grupo de amigos próximos em 1999, esta editora independente de pequena dimensão começou por ser um estúdio de design, tendo publicado o seu primeiro livro-álbum em 2004. Desde então, já editou dezenas de volumes, muitos disponíveis em diferentes línguas e países um pouco por todo o mundo. Em 2013, no ano de estreia dos Prémio BOP da Feira do Livro Infantil de Bolonha, a Planeta Tangerina recebeu a distinção para a melhor editora europeia, a que se somaram muitos outros prémios internacionais relevantes (Costa, 2021) para livros específicos, incluindo o 2.º CJ Picture Book Awards, em 2009, para o livro *As Duas Estradas* (2009), o prémio Gustav Heinemann para a Paz, em 2017, para *Daqui ninguém passa* (2014), ou o Vlag en Wimpel Award, em 2021, para *Atlas das viagens e dos exploradores* (2018), além de vários Bologna Ragazzi Awards, entre outros. A visibilidade internacional (Costa, 2019) dos livros-álbum publicados pela Planeta Tangerina pode ser vista não só em publicações académicas, mas também em referências em volumes de divulgação relevantes, como *Children's Picturebooks: The art of visual Storytelling* (2012), de Martin Salisbury e Morag Styles; e *100 Great Children's Picturebooks* (2015), de Martin Salisbury. Na segunda edição (revista e aumentada) do volume *Children's Picturebooks*, foi mesmo incluído um capítulo especial onde é possível ler uma entrevista com a equipa criativa desta editora portuguesa, apresentada como um caso de estudo de particular interesse e relevo também internacional (Salisbury, 2020: 184-185).

Esta editora tem apostado em livros-álbum *crossover* (Beckett, 2012) dirigidos quer às crianças, quer aos adultos, inspirados em temas simples como a família, o crescimento, a descoberta e a natureza, criados como artefactos especiais e únicos, onde é dada especial atenção aos elementos materiais e ao design gráfico. Os volumes dados à estampa por esta editora destacam-se também pela forma como exploram as potencialidades narrativas da materialidade do livro, experimentando formas originais de contar histórias, tirando partido, igualmente, da dimensão metaficcional. Alguns dos aspetos mais distintivos deste projeto editorial

singular incluem, para além do relevo das ilustrações, ainda mais evidente no caso dos livros-álbum sem texto, a valorização dos peritextos e da materialidade na narrativa, como a exploração das guardas, do *lettering* ou da dobra, além do jogo com a interatividade das propostas, apelando a uma manipulação específica do objeto livro, dando origem a volumes que combinam sofisticação e complexidade criativa com a ludicidade associada à leitura.

O CRESCIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DOS LIVROS: ÁLBUM PORTUGUESES E A SUA VISIBILIDADE INTERNACIONAL

Assim, na última década, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, decorrentes da exiguidade do mercado editorial português, do seu caráter periférico e da crise económica, a produção de livros-álbum em Portugal aumentou em quantidade e qualidade, resultando também na sua visibilidade internacional. A presença das pequenas editoras independentes em feiras internacionais do livro, como a de Bolonha, a participação de ilustradores exposições internacionais, o apoio governamental à tradução de livros portugueses, entre outras iniciativas, ajudam a promover o livro infantil português, percebido como inovador e original.

Além disso, nos últimos anos, a qualidade e a originalidade da ilustração portuguesa também tem sido internacionalmente reconhecida e distinguida com vários prémios importantes. A geração de criadores que lidera esse processo de reconhecimento nacional e internacional é formada por artistas que nasceram na década de 1970 e começaram a ilustrar no início dos anos 2000, a “Geração X”, formados quase todos em Design, gráfico ou de comunicação, o que pode ajudar a explicar a atenção dada à criação de livros como um todo. Inclui ilustradores relevantes como Bernardo P. Carvalho ou Madalena Matoso, por exemplo, ambos cofundadores da editora Planeta Tangerina.

Bernardo Carvalho (Lisboa, 1973), ilustrador várias vezes premiado, em Portugal e no estrangeiro, surge como autor único de um conjunto relevante de livros-álbum sem texto, além de ter ilustrado vários volumes escritos por Isabel Minhós Martins. O seu trabalho distingue-se pela forma como o criador parece apostado em desafiar as convenções do livro-álbum, explorando novas formas de contar histórias, tirando partido de vários elementos materiais que compõem o objeto livro. O seu estilo visual, muito “camaleónico” no sentido em que se transforma para se adaptar a cada novo projeto, caracteriza-se por uma certa simplicidade em termos de recursos visuais, potenciada por uma grande expressividade que resulta de um traço dinâmico e espontâneo, promovendo a identificação imediata por

parte do leitor. Para além disso, merece ainda referência o cariz experimental de algumas propostas, sobretudo as que exploram de forma mais consistente a materialidade e o design gráfico, através da introdução de narrativas paralelas numa única página, do uso da dobra como elemento da história, da exploração de cores e formas com grande impacto narrativo, da opção pelo uso de um *lettering* pessoal, através da caligrafia, e da extensão da narrativa para os elementos peritextuais do livro, muitas vezes com impacto metaficcional. O efeito do virar de página também é explorado com diferentes significados, seja recriando a passagem do tempo, seja a simultaneidade de diferentes cenas. A utilização de diferentes perspetivas e a combinação de vários planos são outros elementos comuns às suas criações, bem como a valorização do humor e a preferência pelo destaque a paisagens e cenários marítimos.

Livros-álbum como *As duas estradas* (2009) e *Olhe, por favor, não viu uma luzinha a piscar?/Corre, coelhinho, corre!* (2013), já analisados num outro momento (Ramos, 2020b), ilustram bem a evolução deste criador em termos da exploração das potencialidades físicas e materiais do livro-álbum, tendo em conta os elementos materiais e as possibilidades narrativas que podem abrir. Já nos volumes *Daqui ninguém passa!* (2014) e *A bola amarela* (2017), criados em coautoria com Isabel Minhós Martins e Daniel Fehr, respetivamente, os elementos físicos do livro passam a fazer parte do processo narrativo, desafiando a forma tradicional de leitura. A ampliação ou expansão do significado e do conteúdo dos livros para outros locais do objeto, como os peritextos, reforça a ideia de entender o livro-álbum como um artefacto especial, um formato que recorre a todos os elementos que o constituem (texto, ilustrações e suporte físico) para contar uma história.

Mais recentemente, surgiu uma nova geração de ilustradores, “os novíssimos” que começou já a marcar a criação de livro-álbum em Portugal. Trata-se de criadores que, tendo nascido na década de 1980, têm formação na área do design, mas também em ilustração, incluindo pós-graduações neste segmento específico, e que começaram a ilustrar nos últimos anos. A especialização académica das gerações mais jovens de ilustradores tem impacto na criação do livro-álbum e distingue-os claramente das gerações anteriores, com formações mais “clássicas”, em Belas-Artes (pintura, escultura, ou mesmo arquitetura), não só porque pensam o livro-álbum como um todo, mas também porque, em alguns casos, desenvolvem projetos como alunos que podem ser transformados em livros reais, como aconteceu com Catarina Sobral ou Madalena Moniz, por exemplo.

Desta nova geração de ilustradores, destaca-se Catarina Sobral (Coimbra, 1985), uma das criadoras portuguesas mais internacionalmente reconhecidas, sobretudo depois de ter sido distinguida com o Prémio de Ilustração da Feira do Livro Infantil de Bolonha em 2014, galardão que

acabou por ajudar à projeção internacional do seu nome. Com uma licenciatura em Design (2007) e um Mestrado em Ilustração Artística (2012), Catarina Sobral trabalhou como ilustradora e designer gráfica em diferentes projetos, desde a criação de livros-álbum, à ilustração de discos de música, passando pelo cinema de animação e pela colaboração com a imprensa escrita, entre outras atividades. Até este momento, já publicou mais de 10 livros para crianças como autora única, para além de ter ilustrado textos de outros autores, a maioria deles com edições em vários países, como é o caso de França, Itália, Brasil, Suécia, Espanha, Polónia ou Japão, entre outros.

O produção literária de Catarina Sobral destaca-se pela presença assídua de múltiplas alusões de cariz intertextual e interartístico, promovendo uma leitura partilhada por crianças e adultos. As suas criações caracterizam-se pela valorização do livro-álbum como um todo, incluindo todas as suas componentes, criando um artefacto sofisticado, destinado à fruição estética e lúdica de um público abrangente, constituído por crianças e adultos. Este conceito percorre todos os seus livros-álbum, onde texto, ilustrações e design gráfico se fundem, criando um iconotexto com especial significado narrativo. Catarina Sobral é conhecida pela considerável variedade de técnicas que utiliza e combina num mesmo trabalho, desde lápis de cor e arte digital. No entanto, seleciona frequentemente uma paleta cromática contida para cada livro, em estreita articulação com o tom, o tema, o registo ou mesmo o contexto narrativo. Assim, cada volume parece ter uma imagem única, o que resulta na criação de projetos muito originais e especiais, ousados e surpreendentes. Elementos peritextuais, como formato, as dimensões e o próprio tipo de letra, habitualmente manuscrito, reforçam essa sugestão de singularidade que caracteriza todos os seus trabalhos.

No caso do livro-álbum *O meu avô* (2014), por exemplo, a escolha de cores e da técnica visual¹⁶ funciona como uma referência interartística ao filme de Jacques Tati, *Mon oncle*, mas este volume está repleto de outras ressonâncias artísticas de grande relevo, como acontece com a referência ao filme *Modern Times*, de Charles Chaplin, à pintura de Fernando Pessoa, da autoria Almada Negreiros, do quadro *Déjeuner sur l'herbe*, de Édouard Manet, além da recriação de uma foto famosa de Andy Warhol. Por seu turno, em *Tão tão grande* (2016), as referências textuais e visuais à obra clássica de Kafka, *A Metamorfose*, ajudam a explicar as mudanças súbitas que o protagonista sente no seu corpo. Além disso, o texto intraicónico também permite identificar, numa imagem, um livro infantil de Bruno Munari, *Nella notte buia*.

¹⁶ Mesmo a técnica de ilustração é inspirada pela estética da tradição gráfica dos anos 50 e 60 do século XX, como se nota pela restrita paleta cromática e pelo tipo de impressão utilizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na última década, o panorama português em relação à disponibilidade de livros-álbum mudou consideravelmente. Hoje em dia, os leitores portugueses não só têm acesso quase imediato a novidades e aos *bestsellers* internacionais dos criadores mais conhecidos, como a oferta nacional é agora mais diversificada, com o aparecimento de novos autores de grande qualidade.

Esta transformação ocorreu muito rapidamente, em menos de uma década, e teve um enorme impacto nas tendências dominantes atuais no que diz respeito à criação de livros-álbum. Assim, apesar da inexistência de uma tradição consolidada neste segmento editorial, os criadores portugueses, especialmente os que trabalham com editoras independentes e especializadas, como a Planeta Tangerina, a Orfeu Negro e a Pato Lógico, por exemplo, têm hoje praticamente total liberdade para explorar e experimentar as possibilidades do formato do livro-álbum. Aliás, em Portugal, o papel das pequenas editoras independentes e especializadas tem sido determinante no apoio a novos autores, ajudando-os a desenvolver os seus projetos e criando oportunidades de publicação. A conceção de coleções especiais e inovadoras de livros-álbum, como a “Imagens que contam”, ou “A minha cidade”, ambas da editora Pato Lógico, e a criação de um Prémio Internacional de Serpa para o Álbum Ilustrado, uma iniciativa conjunta da Planeta Tangerina e do Município de Serpa, são apenas dois exemplos de atividades relevantes para a promoção deste formato, nomeadamente através da descoberta de novos autores e projetos.

Além disso, atualmente, alguns autores optam também por criar e promover o seu trabalho de forma independente e autónoma, vendendo seus livros *online*. Joana Estrela, por exemplo, que começou a publicar livros no circuito comercial depois de ter vencido o Prémio Internacional de Serpa para o Álbum Ilustrado, utiliza as redes sociais para divulgar alguns dos seus livros que não cabem num catálogo mais convencional, pela relevância de temas desafiantes como a diversidade de expressão de género ou de orientação sexual. Marco Taylor, por seu turno, cria livros-objeto e livros-álbum muito artísticos e completamente artesanais que vende *online*. Nic e Inês criaram a sua própria editora para promoverem também os seus livros-álbum e livros-objeto, apostando igualmente na atenção conferida à materialidade do livro, como parte essencial das histórias.

Como consequência do crescente interesse pelo livro-álbum, este formato marca agora presença nos catálogos de quase todas as editoras, inclusive as dos grandes grupos editoriais que, em alguns casos, até criaram

chancelas especiais para este segmento. Contudo, estas grandes editoras investem principalmente na tradução de *bestsellers* internacionais e não se destacam pela inovação das suas propostas, nem pelo apoio aos criadores, procurando acompanhar os seus percursos ou promovendo a venda dos direitos das suas obras para outros países.

Atualmente, os leitores, incluindo crianças, famílias, professores, bibliotecários, têm acesso a uma variedade quase inesgotável de livros-álbum, incluindo algumas primeiras¹⁷ edições de clássicos em português, e livros contemporâneos, sucessos comerciais e trabalhos mais experimentais. De ausente a dominante, o livro-álbum ganhou uma relevância social e cultural difícil de prever em 2003, quando José António Gomes, no seu ensaio inaugural, tentou sensibilizar para um formato que, na altura, não parecia ainda particularmente atrativo. Este investigador destacou, então, várias vantagens de um contacto precoce com o livro-álbum, ao nível do desenvolvimento das competências leitoras (Gomes, 2003: 5), iniciando as crianças, através do uso de imagens, na prática da leitura de livros. A evolução do livro-álbum, incluindo também a sua complexidade narrativa e sofisticação artística, permitiu a ampliação do tipo e idade dos leitores preferenciais, possibilitando cada vez mais a sua receção por adultos, sem excluir as crianças, possivelmente mais interessadas na dimensão lúdica do livro do que na estética/artística. Percebido como um fenómeno de transversal, o interesse crescente pelo livro-álbum é também visível nas escolas e bibliotecas e o número de trabalhos académicos e de publicações científicas por parte de investigadores portugueses também aumentou significativamente.

Contudo, a edição de livros-álbum em Portugal não é uma atividade isenta de riscos. Os principais desafios que a evolução deste formato enfrenta incluem as dificuldades económicas sentidas pelas pequenas editoras independentes em termos de distribuição e a concorrência das grandes editoras que também oferecem livros-álbum, para além da formação de professores e mediadores nesta área, permitindo melhorar as práticas de leitura em contexto educativo. Sendo difícil prever o futuro, o passado recente, marcado pela forte evolução do livro-álbum em Portugal, sugere, pelo menos, alguma confiança nas novas gerações para continuar a

¹⁷ Recentemente, alguns livros-álbum relacionados com questões ligadas à diversidade da identidade de género foram traduzidos e publicados em Portugal, como aconteceu com o volume *Oliver Button is a sissy* (1979), de Tomie dePaola, ou *Histoire de Julie qui avait une ombre de garçon* (1974), de Christian Bruel e Anne Bozellec. Esta tendência de recuperação de clássicos de grande qualidade que estiveram inacessíveis aos leitores portugueses tem permitido, nos últimos anos, a edição de volumes muito relevantes como aconteceu com a obra completa de Maurice Sendak, por exemplo, dada à estampa pela Kalandranka.

experimentar e a melhorar a oferta neste segmento editorial, oferecendo propostas inovadoras e de qualidade.

REFERÊNCIAS

BECKETT, Sandra (2012). *Crossover picturebooks: a genre for all ages*. Routledge.

COSTA, Inês (2019). A internacionalização da literatura infantojuvenil portuguesa: o caso da Editora Planeta Tangerina. In Ana Margarida Ramos et. al. (org.). *Tendências Contemporâneas da Investigação em Literatura para a Infância e Juventude* (pp. 93-110). Tropelias & Companhia.

COSTA, Inês (2021). The Winner Takes It All? The Impact of Awards on the Internationalization of the Portuguese Children's Publisher Planeta Tangerina. *Bookbird: A Journal of International Children's Literature*, 59(2), 55-66.
<https://doi.org/10.1353/bkb.2021.0017>.

GOMES, José António (2003). O conto em forma(to) de álbum: primeiras aproximações. *Malasartes: Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude*, 12, 3-6.

MAYOR, Gabriela Sotto (2009). *Um dia na praia* de Bernardo Carvalho: reflexões sobre o álbum na literatura para a infância. *Malasartes: Cadernos de Literatura para a infância e a juventude*, 18, 18- 25.

MEDEIROS, Fátima Ribeiro (2009). Caminhos da ilustração portuguesa do livro para crianças e jovens. *Românica*, 18, 157-184.

MOURÃO, Sandie (2011). Apontamentos sobre a flexibilidade na relação imagem-palavra no livro-álbum: exemplos ao alcance de todos. *Malasartes: Cadernos de Literatura para a infância e a juventude*, 21-22, 54-63.

RAMOS, Ana Margarida (2004). Da relação texto/imagem no álbum de receção infantil publicado em Portugal. *Graphos. Revista da Pós-Graduação em Letras – UFBP*, 6(2/1), 183-192.

RAMOS, Ana Margarida (2007). *Livros de palmo e meio: reflexões sobre literatura para a infância*. Caminho.

RAMOS, Ana Margarida (2009). As Histórias que as Imagens Contam: caminhos de leitura no álbum. *Malasartes: Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude*, 17, 39-46.

RAMOS, Ana Margarida (2010). *Literatura para a infância e ilustração: leituras em diálogo*. Tropelias & Companhia.

RAMOS, Ana Margarida (2011). Apontamentos para uma poética do álbum contemporâneo. In Blanca- Ana Roig Rechou, Isabel Soto López, Marta Neira Rodríguez (Coord.). *O Álbum na Literatura Infantil e Juvenil (2000-2010)* (pp. 13-40). Edições Xerais de Galicia.

RAMOS, Ana Margarida (2020a). *Picturebook Format: Beyond the Relationship between Words and Pictures. An Overview of the Portuguese Editorial Panorama*. *Libri & Liberi*, 9(1), 61-74. <https://doi.org/10.21066/carcl.libri.2020.1.4>

RAMOS, Ana Margarida (2020b). When Reading Becomes a Game: Parallel Narratives in Portuguese Picturebooks. *Filoteknos*, 10, 345-357. <https://doi.org/10.23817/filotek.10-24>

RODRIGUES, Carina (2009). O álbum narrativo para a infância: Os segredos de um encontro de linguagens. In *Congreso Internacional Lectura 2009 – Para leer el XXI* (s/p). Comité Cubano del IBBY.

RODRIGUES, Carina (2013). *Palavras e imagens de mãos dadas A arquitetura do álbum narrativo em Manuela Bacelar*. Tese de Doutoramento em Literatura. Universidade de Aveiro, Aveiro. Disponível em <http://hdl.handle.net/10773/10586>.

RODRIGUES, Carina (2017). Para unha poética do álbum ilustrado: teoria e crítica ao redor dun "metaxénero". *Elos: Revista de Literatura Infantil e Juvenil*, (4), 133-158. <https://doi.org/10.15304/elos.4.4218>

RODRIGUES, Carina (2019). Manuela Bacelar and Her Groundbreaking Work in the Field of Portuguese Picturebooks. *Bookbird: A Journal of International Children's Literature*, 57(3), 42-50. <https://doi.org/10.1353/bkb.2019.0048>

SALISBURY, Martin & Styles, Morag (2020). *Children's picturebooks: the art of visual storytelling* (2.ª edição). Laurence King Publishing.

SALISBURY, Martin (2015). *100 Great Children's Picturebooks*. London: Laurence King Publishing. Salisbury, Martin & Styles, Morag (2012). *Children's picturebooks: the art of visual storytelling*. Laurence. King Publishing.

SANTOS, Gabriela Sotto Mayor Moura (2015). *Ilustração de livros de literatura infantojuvenil em Portugal [2000-2009]: tipificação, tendências e padrões de recetividade do público-alvo*. Tese de Doutoramento. Instituto de Educação da Universidade do Minho

SARAIVA, José Manuel P. (2014). *O álbum narrativo em Portugal na passagem do século XX para o século XXI: um estudo sobre a relação entre a ilustração e o leitor-modelo*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

SILVA, Sara Raquel Reis da (2017). Quando a palavra e o desenho (se) combinam: sobre a escrita de Leonol Neves e a ilustração de Tóssan. *CONFIA 2017: 5th*

International Conference on Illustration and Animation (pp. 448-456). Instituto Politécnico do Cávado e do Ave.

SILVA, Sara Raquel Reis da (2018). As ilustrações de Ana Leão para os textos de Leonor Santa-Rita ou acerca de duas mulheres esquecidas da arte e da literatura. *CONFIA 2018: 6th International Conference on Illustration and Animation* (pp. 408-416). Instituto Politécnico do Cávado e do Ave.

SILVA, Sara Raquel Reis da (2021). A ilustração e/ou os livros para a infância de Bió: sobre alguns “respeitáveis antepassados” da edição contemporânea. *CONFIA 2021: 9th International Conference on Illustration and Animation* (pp. 277-285). Instituto Politécnico do Cávado e do Ave.

SILVA, Sara Reis da (2006). Quando as palavras e as ilustrações andam de mãos dadas: aspectos do álbum narrativo para a infância. In Fernanda Viana, Eduarda Coquet e Marta Martins (coord.). *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração – 5 Investigação e Prática Docente* (pp. 129-138). CESC- UM / Almedina.

SILVA, Sara Reis da (2010). *O Pintor e o Pássaro: uma releitura de Max Velthuijs. Malasartes: Cadernos de Literatura para a infância e a juventude, 20*, 20-23.

SILVA, Sara Reis da (2011). A presença dos álbuns narrativos na literatura portuguesa para a infância: primeiras manifestações. In *Entre Textos. Perspectivas sobre a literatura para a infância e juventude* (pp. 221–237). Tropelias & Companhia.

Data de recebimento: 10 jul. 2022

Data de aprovação: 10 set. 2022